ISSN: 2358-8829

REDES SOCIAIS E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

Lucas Viana de Carvalho Cavalcanti [1]
Denilson da Silva Nascimento [2]
Elizama Souto Coêlho de Sousa [3]
Izayana Pereira Feitosa Orientador do Trabalho [4]

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma etapa permeada por adaptações e turbulências relacionadas às alterações biológicas e emocionais. Por isso, os adolescentes se tornam mais conscientes, devido à maturação biológica e cognitiva em conjunto às questões sociais, como consequência tornam-se mais preocupados com a construção da identidade (Schoenferreira, Aznar-Farias, Silvares, 2003). Esta etapa da vida humana, ao notá-la como um período de constante reconstrução do sujeito perante a sociedade na qual está inserido traz questões sobre diversos assuntos, entre eles, o gênero e a sexualidade como pontos centrais para eles se colocarem dentro do seu contexto.

A priori, vale ressaltar os grandes fatores, dentro da sociedade e do contexto que o adolescente vai viver, a família e a escola. Tendo em vista que o primeiro agente será o modelo de aprendizagem social e interpessoal, e é por meio dela que os indivíduos adquirem sentimentos sobre si (Bandura, 1996), após isso, os jovens percebem que são distinguidos entre os seus sexos dentro da escola pela forma em que cada grupo será tratado. Além dessas, na sociedade atual existe mais uma que é colocada na vida cotidiana dos jovens: as redes sociais.

Nessa perspectiva, o debate sobre o gênero e a sexualidade se torna cada vez

[1] Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, lucas.cavalcanti@estudante.ufcg.edu.br
[2] Graduando pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, denilson.nascimento@estudante.ufcg.edu.br
[3] Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, elizama.souto@estudante.ufcg.edu.br
[4] Izayana Pereira Feitosa Professor orientador: Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba, Professora do curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande, izayana.pereira@professor.ufcg.edu.br

ISSN: 2358-8829

mais necessário, já que a adolescência é um momento constante de descobertas, e na sociedade a qual, os novos jovens estão vivendo, as redes sociais são uma nova grande influência para eles. Sob esse viés, é importante saber que, atualmente, as redes não estão, somente, nas práticas do cotidiano, mas que elas são o cotidiano (Ferraço, 2007), pois as pessoas não utilizam apenas para atividades de suas vidas, mas estão sempre "ligados" por elas. Além disso, as redes sociais trouxeram intensificadores para a construção da identidade, uma vez que o jovem se via na família, nos professores, nos seus colegas e em personagens da TV, agora estão imitando os "influenciadores" (Maia et al., 2006).

Portanto, torna-se importante trazer visibilidade e analisar de forma crítica o cenário atual da constituição da identidade do adolescente dentro de suas questões de gênero e sexualidade com o advento das redes sociais. Ao entender o adolescente como um ser de mudanças constantes, entende-se a preocupação com eles dentro da sociedade tecnológica. Conforme as mudanças da puberdade acontecem, também gera angústia e medos para os jovens, atualmente, há o agravante das pessoas que são colocadas como influenciadores transformam as concepções dos jovens sobre o gênero, a sexualidade e a identidade.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que teve como finalidade o aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas (Sousa; Oliveira; Alves, 2021.). A pesquisa bibliográfica explora o tema de modo geral, trazendo desde grandes nomes da literatura como (Judith Butler, Michel Foucault e Bader Sawaia) acerca do assunto a artigos científicos atuais e relevantes, sendo eles nacionais e internacionais, publicados em inglês ou português. Como fonte de pesquisa e informações utilizamos bases de dados em bibliotecas virtuais como Scielo, plataforma CAPES, Google Acadêmico. Para pesquisa e separação dos textos acadêmicos utilizamos como descritores palavras chaves como "Adolescência", "Identidade", "Redes sociais", bem como conjunturas das palavras chaves: "Adolescência e identidade", "Redes sociais e Adolescência", "identidade e redes sociais".

ISSN: 2358-8829

Os artigos selecionados foram submetidos à leitura, análise e discussão, considerando sua relevância científica em relação ao tema investigado. Excepcionalmente, foram incluídos dois estudos publicados nos anos de 2006 e 2007, em razão de sua relevância e contribuição teórica para a discussão.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Adotamos os critérios de inclusão estabelecidos para a seleção dos estudos: artigos gratuitos, publicados entre os anos de 2011 e 2026, nos idiomas português e inglês, gratuitos e que abordassem a temática das redes sociais ou da identidade na adolescência. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados os artigos pagos, editoriais, cartas ao editor e resumos de eventos científicos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A adolescência constitui uma etapa do desenvolvimento humano marcada por transformações biológicas, cognitivas, emocionais e sociais que influenciam diretamente a construção da identidade (Amaral et al., 2017). Assim, a adolescência é entendida como um processo dinâmico em que o sujeito passa por constantes reorganizações de si diante das relações sociais estabelecidas em seu contexto, buscando compreender a si mesmo e seu lugar na sociedade (Bandura, 1996). Neste processo, uma das dimensões centrais da construção identitária diz respeito às questões relacionadas ao gênero, tornando esta categoria indispensável para compreender o seu percurso de constituição enquanto sujeito e coletivo (Louro, 2008; Butler, 2003).

Partindo dessa compreensão, Butler (2003) problematiza a ideia de gênero como uma característica fixa, natural ou biologicamente determinada, para a autora, o gênero é algo produzido continuamente por meio da repetição de comportamentos, normas e expectativas sociais. Butler (2003, p. 200) afirma que "o gênero revela ser performativo", ou seja, ele não corresponde a uma essência fixa, mas a uma construção continuamente reproduzida nas relações sociais, dessa forma, o que se compreende socialmente como masculino e feminino não corresponde a determinações biológicas, mas a processos de construção cultural e histórico. Silva (2011) reforça essa compreensão ao afirmar que as desigualdades entre homens e mulheres são socialmente

ISSN: 2358-8829

produzidas por meio da distribuição desigual de papéis, funções e expectativas, nessa lógica, a construção do gênero está diretamente relacionada às relações de poder presentes na sociedade.

Ao tratar da sexualidade na adolescência, é importante compreender que ela não se limita ao ato sexual ou às mudanças orgânicas do corpo, conforme Brêtas et al. (2011), a sexualidade envolve aspectos afetivos, emocionais, sociais e culturais, constituindo uma dimensão essencial da experiência humana, os autores afirmam que a sexualidade representa uma maneira de ser e de se comunicar, demonstrando que sua compreensão exige uma visão ampla. De maneira semelhante, Amaral et al. (2017) evidenciam que as experiências relacionadas ao gênero e à sexualidade nesse período participam diretamente da construção da autonomia e da autoafirmação do adolescente. Complementando esta perspectiva, Foucault (1988), ao discutir a sexualidade, argumenta que esta não deve ser entendida apenas como uma dimensão natural do sujeito, mas como uma construção produzida por discursos construídos socialmente que determinam padrões de normalidade e controle, para ele, "o sexo tornou-se algo que se deve dizer" (Foucault, 1988, p. 26), indicando que a sexualidade passou a ser constantemente debatida, analisada e controlada por diferentes instituições sociais. Segundo o autor, instituições como família, escola e demais espaços sociais funcionam como dispositivos de poder que regulam comportamentos e modos de viver a sexualidade.

Nesse sentido, o social é o fator primordial para entender este trabalho. O primeiro fator é o núcleo familiar, sendo a primeira instituição em que o sujeito é inserido, então, o início e o desenvolvimento da aprendizagem, tanto de si quanto do mundo, será exposto pela teoria social cognitiva de Bandura (1996). A partir disso, a forma que a família do sujeito enxerga e debate sobre o assunto do gênero e sexualidade será a primeira grande influência para a autoimagem do jovem, tendo em vista que eles vão interpretar os valores que a família ensinar. O autor compreende que o sujeito não é apenas influenciado pelo ambiente, mas também atua sobre ele, produzindo uma relação recíproca entre indivíduo e contexto social.

Posteriormente, a instituição escola exerce parte fundamental na aprendizagem e no processo de identidade do adolescente, em razão de que vai ser um outro núcleo social, porém, esse ambiente também pode reproduzir padrões e desigualdades socialmente construídas. Nessa perspectiva, a escola se coloca como uma reforçadora de

ISSN: 2358-8829

estereótipos de gênero, a exemplo identificar uma “menina aplicada”, enquanto os meninos são “indisciplinados". Sabe-se que é importante para o jovem que ele esteja na escola, porém como existem muitos processos acontecendo de forma simultânea na vida do sujeito, os fatores escolares tem por consequência que o jovem possa possuir “um novo sentimento de continuidade e igualdade consigo mesmo, que agora tem de incluir também a identidade sexual” (Erikson, 1992, p. 110). Conforme Louro (2008), a escola atua como um espaço que produz significados sobre os corpos e reforça normas heteronormativas, muitas vezes legitimando modelos considerados adequados de masculinidade e feminilidade, como afirma a autora, a escola "delimita espaços, afirma o que cada um pode ou não pode fazer" (Louro, 2008, p. 61), demonstrando como esse ambiente pode contribuir para a manutenção de normas relacionadas ao gênero e à sexualidade. Neste sentido, Amaro (2016) destaca que os desafios da educação contemporânea incluem promover discussões que respeitem a diversidade e combatam preconceitos relacionados às identidades de gênero e sexualidade.

Essa influência também se manifesta na construção da autoimagem e dos padrões corporais. Vieira (2017) evidencia que influenciadores digitais, especialmente aqueles ligados ao universo fitness, produzem conteúdos que divulgam padrões corporais e estilos de vida frequentemente associados ao consumo e à idealização estética. Sobre isso, Maia et al. (2006) afirmam que os jovens tendem a buscar referências externas para orientar a construção de suas identidades, processo que se intensifica com a ampla exposição promovida pelas mídias digitais.

Tais modelos podem gerar consequências significativas para o desenvolvimento psicológico dos adolescentes. Sawaia (2001) explica que determinados grupos sociais são inseridos em processos de "inclusão perversa", uma inclusão excludente, nos quais permanecem socialmente integrados, porém em posições de desigualdade e subordinação. Nesse contexto, jovens que não se enquadram nos padrões estéticos, de gênero ou sexualidade legitimados e difundidos socialmente podem experimentar processos de exclusão, preconceito e sofrimento psicológico.

Dessa maneira, compreender a adolescência, a construção da identidade, o gênero, a sexualidade e o papel das redes sociais torna-se essencial para analisar as experiências contemporâneas e as múltiplas influências que atravessam esse processo. Família, escola e mídias sociais atuam simultaneamente na formação dos sujeitos, produzindo discursos, valores e referências que influenciam a maneira como os

ISSN: 2358-8829

adolescentes percebem a si mesmos e constroem suas experiências relacionadas ao gênero e à sexualidade. As transformações tecnológicas ampliaram as possibilidades de interação e expressão, porém também intensificaram pressões relacionadas à autoimagem, aos padrões sociais e à construção subjetiva, tornando necessário o desenvolvimento de debates críticos sobre tais questões nos espaços educativos e sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A adolescência e a relação com as redes sociais

A escola e a família, na atualidade, não são os únicos que influenciam o adolescente, também as redes sociais garantem seus moldes e formas de estar no mundo. Nas duas instituições apresentadas mesmo que o assunto do gênero e sexualidade apareça nos dois ambientes, já que é algo da vida cotidiana, neles não é apresentado uma discussão sobre o assunto, porém, esses diálogos vão aparecer dentro das mídias com mais exemplos e variações de pensamento (Costa, 1997; Louro, 2008).

De acordo com Ferraço (2007), as redes sociais não estão somente nas práticas, mas são o cotidiano, agora elas estão completamente associadas à experiência humana. Então, sem debates, principalmente dentro do ensino, e existindo muito nas mídias, gera cada vez mais estereótipos, pois a educação é forma de amenizar o preconceito, pois uma das principais razões da intolerância é o desconhecimento do diferente (Amaro, 2016). O direito à educação é direito de todos, independente das particularidades, sejam sexuais/gênero ou não. Por fim, essa construção de discriminações e diminuição de debates dentro do ensino acaba que os jovens começam a buscar se entender como uma imitação dos midiáticos. Desta forma, os usuários famosos nas plataformas, chamados de influenciadores, são a nova instituição de molde para os adolescentes. Assim, o que os influenciadores abordarem ou apresentarem sobre gênero e sexualidade será o que os jovens buscarão ser, por isso é enfatizado que:

> A relação entre produtor de conteúdo e público é agora uma via de mão dupla. E não poderia haver cenário melhor para que o conceito dos influenciadores digitais se difundisse. Estes jovens dialogam diretamente com a nova geração de usuários da internet, justamente por pertencerem a este mesmo meio e conhecer sua linguagem, conseguem gerar engajamento para os mais diversos temas com muita facilidade (Silva; Tessarolo, 2016, p. 7).

ISSN: 2358-8829

Ademais, torna-se fundamental compreender que essa construção não ocorre de forma linear ou isenta de tensões. Conforme apontam Amaral et. al (2017) a adolescência é marcada por uma metamorfose em que a sexualidade emerge como um componente crítico de autoafirmação. A revisão proposta pelas autoras destacam que as vivências de gênero e sexualidade nesse período são atravessadas de autonomia, o que muitas vezes colide com os padrões heteronormativos estabelecidos pela sociedade e pelos grupos que estão inseridos, tornando o processo de identificação um campo de constante negociações simbólicas.

Gênero, Sexualidade e Redes Sociais

Diante deste contexto, Michel Foucault (1988) argumenta em "História da Sexualidade I: A Vontade de Saber" que a sexualidade não é algo que o poder reprime, mas algo que o poder produz através de discursos. Para o adolescente a família e a escola funcionam como dispositivos onde o sexo é colocado em discurso, categorizado e monitorado. Diferente daquilo que se acredita de estar em uma era de libertação, Foucault sugere o encontro sob uma "incitação discursiva", onde o jovem é compelido a falar e a definir sua identidade sexual dentro de parâmetros que classificam o que é "normal" ou o que é "desviante". As redes sociais estão no cotidiano, não são práticas de monitoramento, mas os próprios sujeitos se monitoram a partir da forma em que está sendo dito nelas.

Na contemporaneidade, além da família e da escola, as redes sociais passaram a ocupar papel relevante na constituição da identidade juvenil, o avanço das tecnologias digitais alterou profundamente as formas de comunicação e interação humana, fazendo com que os ambientes virtuais ocupassem posição central na vida cotidiana, Ferraço (2007) afirma que as tecnologias digitais não estão apenas presentes nas práticas diárias, mas constituem o próprio cotidiano dos indivíduos, assim, as redes sociais deixaram de ser apenas ferramentas de comunicação para tornarem-se espaços permanentes de interação, produção de significados e reconhecimento social.

Edwards (2013) afirma que figuras públicas e celebridades atuam como símbolos de identificação, exercendo influência sobre a forma como os indivíduos constroem suas subjetividades. Inseridos no contexto das mídias sociais surgem os influenciadores digitais, sujeitos que exercem forte impacto sobre comportamentos, modo de pensar, estilo de vida, valores e formas de percepção da realidade. Silva e

Tessarolo (2016) apontam que os influenciadores possuem capacidade de estabelecer relações próximas com seus seguidores por compartilharem linguagens e experiências características do ambiente digital havendo uma dinâmica de proximidade e identificação, segundo os autores: "estes jovens dialogam diretamente com a nova geração de usuários da internet" (Silva; Tessarolo, 2016, p. 7).

Segundo Judith Butler (2003), o gênero seria somente um papel que se aprende de tanto repeti-lo, e o corpo materializa o que da sexualidade é irrepresentável no gênero, mas se resignificaria na performance, assim, entende-se o gênero como uma construção social baseada na diferenciação biológica dos sexos. Entretanto, esta construção é expressa através de relações de poder e subordinação, representada pela discriminação de funções, atividades, normas e condutas esperadas para homens e mulheres em cada sociedade (Silva, 2011), por isso, compreende o mesmo como uma constituição das experiencias do sujeito. Por fim, a identidade do adolescente constitui-se como fator central do gênero e da sexualidade, devido a identificação desta enquanto processo constante de mudança, como também nas suas implicações para a experiência da vida sexual.

Sob a ótica butleriana (2003), a identidade de gênero não é um núcleo interno ou uma verdade biológica, mas uma performance reiterada. Desta forma, a autora questiona a naturalidade do binarismo homem/mulher, ao afirmar que o gênero é performativo no sentido de que produz o que proclama. Por isso, para o adolescente isso significa que sua identidade é um fazer constante que ocorre sob a pressão da matriz de inteligibilidade heterosexual. Quando nos tempos atuais as redes sociais impõe modelos estéticos e comportamentais, elas estão, na verdade, reforçando essa repetição de atos, desta forma, mantém a ilusão de um gênero substancial e fixo. Portanto, outrora os jovens se viam, apenas, na família, nos professores, seus colegas e em personagens da TV, agora imitam os “influenciadores” (Maia et al., 2006)

Nessa perspectiva, a sexualidade é uma dimensão humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, e, sobretudo, pela cultura. Ao tratar do tema da sexualidade não pode estar no debate restringida à sua dimensão biológica, genitalidade, instinto ou libido, mas deve ser vista como uma energia vital da subjetividade e da cultura, transpassada por introjeções de pensamentos e formas de estar no mundo. Desta maneira, não pode ser vista como uma “parte” do corpo, mas deve ser analisada em sua totalidade e globalidade, assim como o gênero, ela também é

ISSN: 2358-8829

uma construção social que foi interpretada ao longo dos séculos, pelos saberes históricos, econômicos, políticos e sociais.

A partir dessa visão holística, Brêtas et al. (2011) afirmam que a sexualidade na adolescência ultrapassa o ato sexual em si, configurando-se como "um modo de ser e de se comunicar" que busca prazer e afeto. Para esses autores, a compreensão da sexualidade requer uma escuta atenta dos próprios jovens, uma vez que suas percepções sobre corpo e gênero são influenciadas pelos vínculos que estabelecem, sem esse suporte, a vivência da sexualidade pode se tornar fragmentada, pautada apenas em riscos e obrigações sociais.

Ao falar de gênero e sexualidade, também é explicitada a violência forjada por meio da subjugação e da exploração homem pelo homem. Dito anteriormente, a construção do gênero e sexualidade está subjugada por um poder e discriminação, à medida que as relações existentes entre masculino e feminino são relações desiguais e assimétricas.

O adolescente e o seu corpo

Pelo entendimento que o corpo humano é concebido pela sociedade e ela dita normas em relação ao corpo (Rodrigues, 1975), o gênero e sexualidade são afetados pelas representações que acontecem dentro de seus contextos sociais. Sob esse viés, todo o debate sobre o tema, a heteronormatividade resulta em problemas, pois este é um "sistema pedagógico com resultados sociopolíticos que visa à naturalização da lógica dicotômica dos sexos" (Caetano, 2012, p.76). Essa constituição tem por regras e aspectos morais que visam controlar o sexo dos sujeitos em um lógica binária.

Sob a ótica foucaultiana (1998) demonstra como a busca pela "verdade" do sexo tornou-se uma ferramenta de controle social. O adolescente contemporâneo, ao tentar encontrar sua verdadeira essência nas redes sociais, acaba caindo muitas vezes em novas formas de normalização do desejo, onde a identidade deixa de ser uma vivência fluida para se tornar um rótulo rígido dentro de uma economia de visibilidade mediada por algoritmos. Atualmente, diante do debate sobre o gênero e a sexualidade, observa-se o agravante das mídias como um causador de moldes para a identidade dos adolescentes, pois, uma vez que a sociedade concebe diversos pensamentos, como será um mundo em que existe influenciadores que não estão no contexto social, mas que os jovens buscam imitá-lo? Sobre essa imitação, Vieira (2017) afirma que:

ISSN: 2358-8829

> Conhecidas como influenciadores digitais ou "musas fitness", divulgam cotidianamente fotos mostrando sua rotina de exercício e de alimentação, além de destacar as alterações corporais, mobilizando uma multidão de seguidores. Elas movimentam um mercado que vai da academia às intervenções estéticas, viagens, tratamentos em spa, roupas, joias entre outros (Vieira, 2017, p.17).

A imagem corporal (IC), segundo Lira et al. (2017) pode ser definida como a imagem construída em nossa mente e os sentimentos, pensamentos e ações em relação a si, ou seja nossa maneira de enxergar e ver nosso próprio corpo de forma subjetiva. Para Goldenberg (2002) apud, Tilio (2014) o discurso dos meios de comunicação e das artes, em geral, ocorre em grande parte em torno do corpo, que registra as marcas do imaginário da sociedade e busca traçar, ou melhor, "moldar" o processo de identidade cultural contemporâneo. Esse molde do processo identitário moderno como dito acima, se manifestará muitas vezes no corpo, nas mídias e nas redes sociais cria um arquétipo de corpo "ideal". Lira et al. (2017) acredita que a internalização do padrão do corpo "ideal", ou seja, a incorporação do valor ao ponto de modificar as atitudes e comportamentos pessoais, é um importante mediador da insatisfação corporal, insatisfação essa que se dá pela não consecução ou indiferença do corpo adolescente ao corpo ideal criado pelos meios de comunicação social.

Sexualidade midiática

Bourdieu (2002) afirma que todo veículo de comunicação e mídia distribui relações de poder simbólicas, assim, produzidas pelas mídias são atreladas a valores econômicos, que torna produto em consumo, ou seja, as mídias "transformam as formas simbólicas (no caso, ideais de beleza e de feminilidade) em bens simbólicos (vestimentas, adereços, formas do corpo etc.) que vão ser consumidos pela sociedade" (Bourdieu, 2002, p.133). Estes bens simbólicos, como dito no parágrafo anterior, se internalizam no indivíduo, a ponto do mesmo viver em uma incessante busca por satisfazer a necessidade criada pelas mídias, necessidades estas que podem ser inalcançáveis, pois se torna uma busca interminável e causadora de angústias e sofrimento ao jovem.

As redes sociais se tornaram a principal fonte de busca de informações sobre beleza e estética. Adolescentes do 9° ano do ensino fundamental afirmam isso em relatos na pesquisa realizada por Tilio (2014). Neste mesmo artigo, as adolescentes

ISSN: 2358-8829

escolheram personalidades midiáticas para se auto representarem, personalidades estas que devido a ampla exposição pública a qual estão submetidas, são referidas pelos sujeitos desta investigação (mulheres adolescentes) como símbolos de identificação e ideais de feminilidade, possivelmente servindo de referencial para a construção subjetiva e das suas autoimagens. Estas celebridades que os jovens imitam, como dito anteriormente, fogem totalmente do contexto social e cultural dos adolescentes, que os leva a buscarem os padrões destas celebridades incessantemente, o que se torna uma situação agravante quando não se alcança esses ideais de beleza, tendo como consequência ansiedades e uma opressão de gênero para adolescentes (Edwards, 2013).

Em outra pesquisa realizada com 212 meninas com idades entre 10 a 18 anos, Lira et al. (2017) destaca na análise bruta dos dados de sua pesquisa, que as adolescentes que acessam as redes sociais como Facebook e Instagram diariamente e acessavam o Snapchat de 1 a 5 vezes e de 5 a 10 vezes por dia tinham maior chance de serem insatisfeitas com sua imagem corporal, comparadas àquelas que acessam mensalmente. E que das 212 jovens, 80% relataram alguma insatisfação com o próprio corpo, sendo com maior frequência entre aquelas com sobrepeso e obesidade. A partir da pesquisa de Lira et al. (2017), conclui-se que as redes sociais criam imagens corporais que, na maioria das vezes, não coincidem com as reais dos indivíduos, carregadas por questões de ordem biológica, afetiva e social. Ao gerar grandes insatisfações e sofrimentos, vale destacar que esta imagem do corpo ideal não é apenas construído nas redes, mas a forma como o adolescente molda esse ideal é influenciado pela família, amigos, escola e todas as experiências que o indivíduo passa no seu desenvolvimento.

Em uma pesquisa mais recente, Matos e Godinho (2024) dizem que o uso excessivo de redes sociais pode influenciar negativamente o bem-estar psicológico de adolescentes, estando associado ao desenvolvimento de sintomas emocionais, como ansiedade e depressão, bem como a alterações comportamentais e dificuldades nas interações sociais. Além de que as mídias sociais causam vício e dependência. A partir das fontes e estudos pode-se afirmar que as redes sociais tornam-se dispositivos de poder, que controlam nosso imaginário, nosso corpo e objetos de desejo, e que quando não satisfaz estes desejos como por exemplo a busca por um corpo perfeito que se torna inalcançável, o indivíduo sofre pois não consegue ter para si o que tanto almeja.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto a adolescência se constitui como uma etapa de adaptações e turbulências, marcada por reconstruções constantes do sujeito perante a sociedade devido a alterações biológicas, cognitivas e emocionais. Nesse processo, a busca pela sua identidade sexual e de gênero torna-se um ponto central para o jovem na construção de sua individualidade e seu estar no mundo, que tradicionalmente a família e a escola são os grandes fatores de influência, a família atua como o primeiro modelo de aprendizagem social e interpessoal, que molda como o indivíduo adquire sentimentos sobre si. Já a escola, apesar de seu papel fundamental para este processo, muitas vezes atua como reforçadora de estereótipos de gênero e falha em promover debates críticos sobre o tema, o que pode gerar preconceito e intolerância.

Contudo, na sociedade contemporânea, as redes sociais surgem como um novo e poderoso agente que não apenas permeia a vida cotidiana, mas se torna o próprio cotidiano dos jovens. Essa presença digital traz um agravante para a construção da identidade: o adolescente, que antes se via em figuras próximas, agora busca imitar "influenciadores" que dialogam diretamente com sua linguagem, mas que muitas vezes estão distantes de sua realidade social e cultural. Sob essa ótica, o gênero e a sexualidade passam a ser vividos como performances sob pressão de modelos estéticos e comportamentais impostos pela mídia, transformando a identidade em um fazer constante e na maioria das vezes um rótulo rígido mediado por algoritmos.

Desta forma, podemos compreender que o gênero e a sexualidade são, a partir do estudo da identidade, uma reconstrução constante influenciadas pela cultura, contexto social, familiar e escolar, muitas vezes levando a um modelo de performance estereotipada, principalmente na contemporaneidade com advento das redes sociais. Por conseguinte, essa dinâmica gera consequências severas para o bem-estar psicológico dos jovens, uma vez que as redes sociais tornaram-se dispositivos de poder que controlam o imaginário e o corpo. Por fim, o desenvolvimento de um padrão de corpo ideal inalcançável atua como um mediador de insatisfação corporal, levando a quadros de angústia, ansiedade, depressão e dependência tecnológica, levando os indivíduos a seguir uma norma condizente com o que é “normal”.

Palavras-chave: Adolescência; Identidade; Redes sociais; Gênero; Sexualidade.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Alice Mayara Santiago *et al*. **Adolescência, gênero e sexualidade:** uma revisão integrativa. Revista Enfermagem Contemporânea, Salvador, v.6, n.1, p.62-67, abr. 2017. Disponível em: https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.v6i1.1114. Acesso em: 14 fev. 2026.

AMARO, Ivana. **Gênero, sexualidade e educação: desafios para a escola contemporânea**. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 33, p. 214–231, 2016.

BANDURA, A. **Social foundations of thought and action:** a social cognitive theory. N.J. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 2. ed. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160 p.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRÊTAS, J. R. S. et al. **Aspectos da sexualidade na adolescência**. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 16, n. 7, p. 3221-3228, jul. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/frXq7n3jXMmhzSmJqRWPwnL/?format=html&lang=pt. Acesso em: 14 fev. 2026.

COSTA, M. **Sexualidade na adolescência**: dilemas e crescimentos. 9. ed. L&PM, 1997.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Pesquisa com o Cotidiano**. In. Educação e Sociedade. Campinas, vol. 28, n.98, p.73-95, jan./abr. 2007. Disponível em: . Acesso em: 05 de março de 2026.

EDWARDS, Tim. (2013). **"Medusa's stare: celebrity subjectivity and gender"**. Celebrity Studies. n. 4, 2: pp. 155-168.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MAIA, Raquel Ferreira et al. **A influência da mídia na sexualidade do adolescente**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v. 5, n. especial, p. 109-117, 2006.

SAWAIA, Bader. Introdução: **As artimanhas da exclusão social**. In: SAWAIA, Bader (org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 7-16.

SILVA, Carla da. **A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher**: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero. 2011.

SILVA, Cristiane Rubim Manzina da; TESSAROLO, Felipe Maciel. **Influenciadores Digitais e as Redes Sociais Enquanto Plataformas de Mídia.** XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo, 2016. Disponivel em: https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2104-1.pdf. Acesso em: 6 nov. 2020.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos.** *Cadernos da FUCAMP*, Monte Carmelo, v. 20, n. 43, p. 64–83, 2021.

VIEIRA, Mariana de Paula. **As influenciadoras digitais no Instagram e o empreendedorismo de si: o caso do fitness.** 2017. 72f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.